



GENTISHOMENS DE 1572.

Estes trajos eram os de côrte em França no reinado de Cárlos IX, e como se vê não uniformes, porém assaz variados, porquanto só apresentamos os principaes, copiados da collecção de Gaignières, existente no gabinete de estampas da bibliotheca imperial, desenhadas mesmo em tempo d'aquelle monarcha, e que todas teem a data de 1572; mostram as differentes capas que então se usaram, primeiro a de gola derrubada com forro de setim, depois a de gola direita e forrada de tafetá, outra com mangas assopradas e soltas, e finalmente a de capuz, denominada de Bearn por ser imitada dos montânhezes dos Pyreneos; estas quatro modas distinguiam a capa de grande e pequena gala, quer para o verão, quer para o inverno. Vêem-se também as calças chumaçadas e as pantalonas justas ao corpo, são innovações que já annunciam revolução no modo de vestir, que de facto se verificou mais tarde no reinado de Henrique III.

M.

A ociosidade, o luxo, e o mau exemplo, são os principaes motores da prevaricação dos costumes.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação.

II

O ORATORIO DE ALDONSA PERES.

Os jesuitas tinham saído.

Simão Rodrigues encostado á janella parecia absorto em profundas meditações. A vinda do padre Gaspar, na occasião em que mais arrebatado estava ao lado de sua prima, sonhando delicias de um venturoso porvir; aquelle medo glacial que lhe arripiara todo o corpo; aquelle conchegamento de Beatriz agarrando-se-lhe ao braço; o olhar obliquo do padre, que, espiando as acções dos dois amantes, duas vezes lhe surprehendera; tudo se apresentava ás suas ideas como um turbilhão confuso, e de todos os pensamentos não podia conjecturar senão um mal futuro.

Era natural para Simão que sua tia fosse reconciliar-se no seguinte dia, mesmo porque Aldonsa o tinha em costume; porém que o pa-

JANEIRO, 24, 1857.

dre lh'o viesse recordar, coisa era com que elle não podia atinar, e naturalmente suspeital-o fazia de que o jesuita levava interesse em fallar a sós com Aldonsa Peres, tanto em particular que unicamente pelo sigillo da confissão conservar-se poderia o segredo sobre a pratica que ambos deviam ter.

Simão Rodrigues dava por tal forma largas ao seu pensamento; e este cada vez mais profundo lhe caía na duvida e na irresolução, sem saber a que ater-se. A similhaça do homem que firmando seus passos á beira do precipicio, se debruça de mais na contemplação que faz d'elle, e vae porlim escorregando de penedo em penedo, e de fraga em fraga, até chegar-lhe ao fundo, ficando depois confuso e maravilhado de ter chegado ali a salvamento, e enleiado na forma como se salvará d'elle.

As Trindades soaram; e a voz de Aldonsa Peres veiu sacudil-o d'aquelle profundo meditar.

Até ali não arredara ainda pé da janella, e sem curar da escuridão que a pouco e pouco ia estendendo sua negra tinta pelo horisonte ao nascente da cidade, parecia ainda engolfado no espectáculo d'aquelle panorama!

Não eram os olhos do corpo, que elle tinha attentos, que esses lhe erravam ao acaso por sobre os objectos que se lhe apresentavam, sem n'elles fixar a attenção; eram os d'alma que buscavam penetrar-lhe o futuro denso e opaco; porém quanto mais os afirmava, mais de trevas se lhe condensavam.

Beatriz tambem não estava menos inquieta que seu primo. Nunca o padre mestre Gaspar lhe fallara tão brando, nem tão despido do rigor ascetico que costumava empregar para guiar as almas no caminho da salvação; e aquella comparação tão florida e tão meiga da açucena do Senhor, junta com os laços espirituaes, alludindo ao seu amor, deixava-lhe aperceber-se de que o padre da Companhia soubera ler-lhe no fundo do coração, e lhe devassara ahí o segredo que nem mesmo revelara a sua mãe, apesar de suspeital que o desconfiara ella.

Seriam taes palayras na bocca do padre mestre Gaspar indicios de assentimento, ou de reprovação?

No primeiro caso, achava-se completada a sua ventura, por quanto o casamento com seu primo não encontraria estorvo; no segundo era a perspectiva do infortunio, e de uma porfiada luta, porque bem conhecia o poder que o padre mestre exercia sobre o animo de sua mãe — força duplicada pelo sentimento religioso de uma alma tão candida.

Porém, Beatriz, qual se preparava para a felicidade, assim mais energicamente se armava para a peleja, resolvida a não ceder por quanto houvesse no mundo. Character de similhante tenacidade herdara-o de seu pae, que o possuira em subido grau.

Beatriz fazia estas reflexões ao passo que bispontava a sua capinha; e foi, como seu primo,

arrancada a ellas pela pausada voz de sua mãe, quando esta disse:

— Simão, que de vezes tens espraiado olhos por essas hortas da encosta do Castello, e nunca saciado parece de contemplal-as! Vamos, filho, que estão soando Trindades, e no almazem te aguardam para o cerrares.

— É verdade, accrescentou Beatriz... Louquinha que sou... Ia tão embebida na tarefa da minha capinha, com tenção de a vestir amanhã, que nem dava pelas horas fugindo tão apressadas!

— E eu, tia minha, nem reparo fazia nas hortas, nem na encosta... Sonhava... sonhava agora.

— Nas santas palavras do servo de Deus ao adorarmos o prodigio do arco da velha?

— Nem era isso... Nem eu sei que sonhava!

E assim dizendo, despediu-se de Aldonsa e Beatriz, e saiu apressado, qual o insensato que passeia sem destino, ou pela rua fora corre acotovelando todos, como se tivera de achar-se em ponto certo e a hora dada, e receiara chegar tarde.

Marianna, que o seguira para cerrar a porta, estendeu a cabeça para a rua, e disse a sua ama:

— Lá está o Vicente Braguez, trepado á escada, acendendo as alampadas do oratorio de Nossa Senhora da Graça.

— Não veiu hoje cedo, respondeu a viuva, olhando pela janella que deitava para a rua da Pella; que já o da Senhora do Rosario, ali na Porta da Palma, e o da Virgem Mãe, lá adiante na da Mouraria, alumiados estão tambem.

A noticia de que estavam acesos os lampiões dos nichos, que a piedade christã dos nossos antigos monarchas fizera collocar sobre as portas rasgadas na muralha da cidade, Sancha foise chegando para a adufa, afim de tomar o logar fronteiro na janella que deitava para a rua direita — logar que ella, n'aquella casa, estava de posse immemorial, em attenção á sua idade.

O grande acontecimento que attrahia Sancha para a janella era a reza do terço, que todas as noites se rezava n'aquella rua, apenas davam Trindades, capitulado por Vicente o Braguez, dono de uma tenda que estava quasi fronteira ao arco.

Aquellas pessoas que se não agglomeravam na rua para esta devoção, assistiam a ella das janellas; e d'ahi respondiam em commum, e em altas vozes, ás orações de quem capitulava. Era indicado com uma matraca o momento em que se dava principio á devoção, e com uma campainha a occasião em que se chegava ao *Gloria Patri*.

A hora não se fez demorar muito.

Já Aldonsa Peres, Sancha e Marianna estavam reunidas na janella, quando a rouquenha voz de Vicente o Braguez principiou a entoar: «*Gloria Patri...*»

Mas porque não assistia tambem Beatriz esta noite á reza do terço?

Aquella alma estava muito encontrada de diversos pensamentos para poder rezar em commum, quando, mais do que nunca, lhe era mister orar sósinha.

Por isso, com licença de sua mãe, fôra acender as velas do oratorio, onde Aldonsa Peres devia depois ir fazer seu exame de consciencia, e ahí se deixara ficar.

Lançando mão do livro dos Psalmos—livro consolador em todas as afflicções da vida, e cheio de hymnos para todas as alegrias—abriu-o ao acaso no LVII, e leu:

«Que a minha oração chegue até vós. Prestae vossos ouvidos aos meus gritos, porque a minha alma está acabrunhada de males, e eu estou prestes a cair no inferno...»

Deixemos aquella alma orar em socego, e não vamos perturbal-a no recolhimento com que busca, nos livros da religião, palavras que traduzam o que está sentindo.

Vamos descrever o oratorio de Aldonsa Peres.

A casa onde elle estava era um pequeno quarto, cujas paredes se forravam com custosos pannos de raz, representando passagens da Escrip-tura. N'um d'elles se figurava a entrada de Jacob em casa de seu tio Labão, na Mesopotâmia; o juramento de servil-o por sete annos para alcançar a mão de sua prima Rachel; a substituição d'esta por Lia, quando se terminou o praso; o novo contracto de outros sete annos para finalmente obter aquella a quem amava; e a partida de casa de seu sogro, com as duas mulheres, filhos, e rebanhos que lhe pertenciam.

N'outro panno viam-se debuxadas algumas scenas das historias de David e Salomão.

Do tecto pendia uma alampada de prata, conservada sempre acesa.

O oratorio, propriamente dito, abria para os lados umas immensas portas de madeira do Brazil, riquissimas no lavor de talha e embutidos de marfim, com seus frisos doirados.

Estavam cobertas internamente de placas e relicarios com variadissimas estampas de santos, cuja historia a velha Sancha mais que ninguem sabia em casa, e repetidas vezes contara a Beatriz, quando, para a entreter em creança, ali a levava a ver o *Pae do Ceo*.

Uma banquetta, occupada por uma duzia de castiçoes de prata levantada em flores e folhas muito ao natural, servia de base a um grande retabolo da Virgem no mysterio da Conceição, trinta e quatro annos antes (em côrtes de 1646) declarada padroeira d'estes reinos, e significada á cidade a sua intercessão em lapidas encravadas nas portas da muralha, como aquella que se lê ainda hoje por cima do Arco da Mouraria:—A Virgem Maria Nossa Senhora foi concebida sem peccado original.

No centro da banquetta elevava-se, n'uma cruz

de pau santo, tauxeada de madreperola, uma imagem de Christo, obra prima em marfim, lavrada pelos indios, e trazida d'aquellas regiões pelo marido d'Aldonsa Peres n'uma das suas viagens. Entre varios santos em vulto, figurava um S. Francisco Xavier na attitude de pregar aos gentios; e o martyr S. Sebastião, com uma rica faixa de veludo carmezi franjada de oiro, e suas settas de prata.

As corôas e os resplendores eram de finissima prata de lei; e cada santo achava-se ornado com tantos cordões de oiro, anneis, pingentes, e arrecadas de excellente pedraria, que era a quanto os olhos mais podiam admirar de riqueza.

Dir-se-hia que ali estava o thesouro da casa de Aldonsa Peres, se acaso se não soubera que em contadõ haviam cheias duas pequenas arcas. Estas, que eram forradas de carneira vermelha, com pregaria amarella, estavam tambem guardadas ali na casa do oratorio, como collocadas sob a protecção d'aquelles santos. Serviam ao mesmo tempo de assentos, porque nenhuns outros moveis ali existiam.

Beatriz acendera duas velas, e apagara o cirio bento que até ali ardia desde que rebentara a trovoada. Lia e meditava os psalmos, como dissemos.

Continua.

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES EM S. PETERSBOURG.

Havia vinte e cinco annos que em Franca estava concluido Versailles, quando Pedro I da Russia manifestou aos seus confidentes o projecto que concebera de transportar a sua capital das margens do Moskowa, e do augusto santuario do Kremlin para a ponta do golpho da Finlandia nas praias paludosas e deshabitadas do Neva.

O local sob considerações de politica não era talvez bem escolhido: os estadistas, que olham muito para o futuro e desdenham ás vezes o presente, pretendem que Pedro commettera um erro tão grave quão grandiosa a sua obra e audaz o seu projecto; isto é, que para metter respeito aos suecos e communicar directamente pelo Baltico com a Europa occidental, removeu a Russia ou pelo menos o seu centro de acção para longe do lado a que se inclina por sua origem e indole, por suas necessidades e ambições, isto é, para longe do mundo oriental; porquanto se tiver de acontecer, com annuencia da Europa ou a despeito d'ella, que o czar envie seus exercitos além dos Balkans e suas esquadras além do Bosphoro, e apossando-se de Stambul a bem guardada restabeleça a cruz grega sobre os zimbórios de Santa Sophia, desde então a Russia tendo duas cabeças, uma ao norte e outra ao

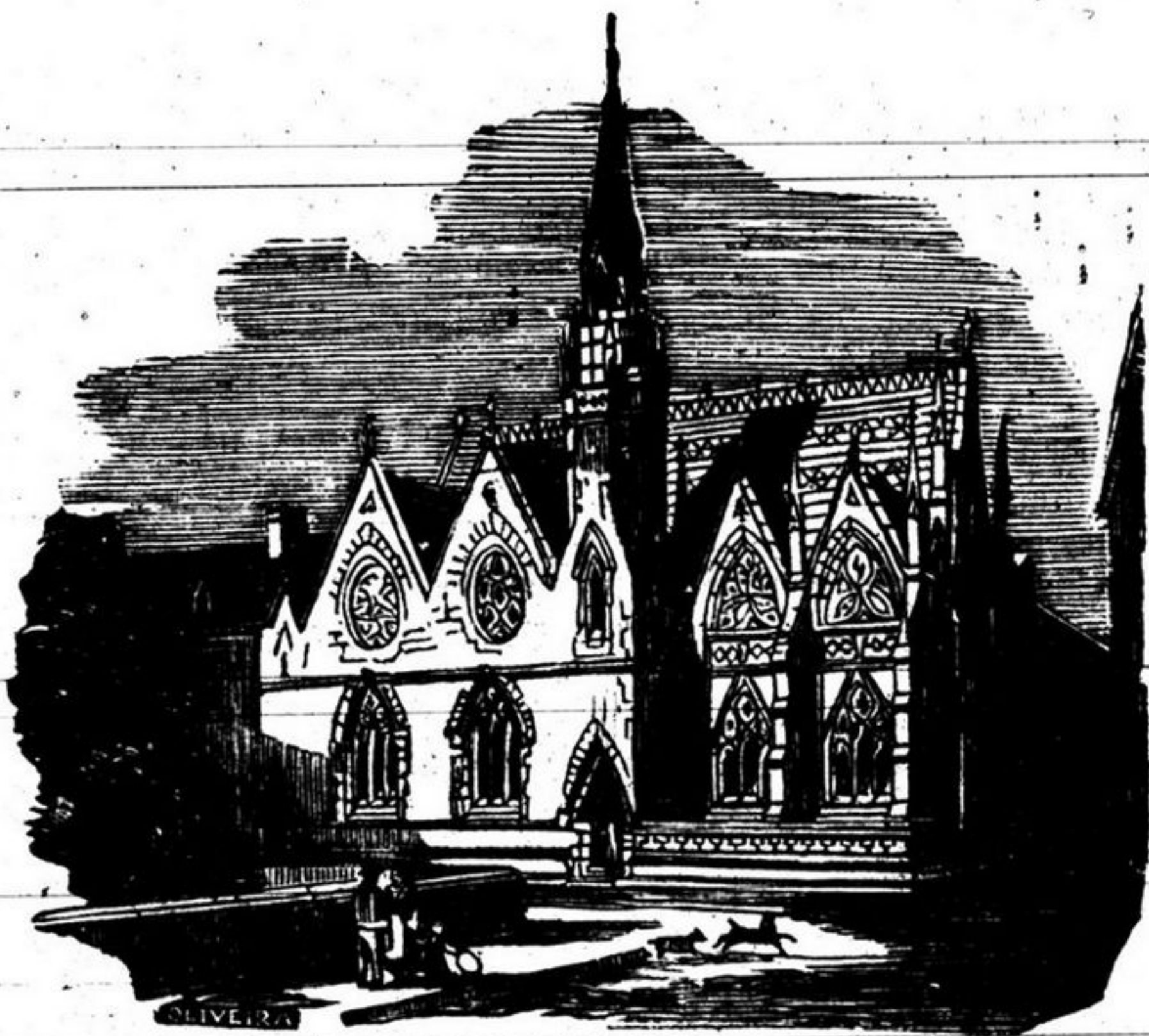
(*) Vide o num. antecedente.

meiodia, dividir-se-ha infallivelmente em duas partes, como succedeu ao imperio romano em tempo do fundador de Constantinopola.

No entanto o genio e força de vontade de Pedro I com os recursos de seu imperio levantou como por magica d'entre pantanos desertos uma cidade regular, formosa, europea, ahi onde o Neva, antes de lançar-se no golpho da Finlândia se reparte em muitos braços que formam canaes de differentes tamanhos, e umas quarenta ilhas, as quaes no começo do seculo passado, bem como as terras visinhas, eram todas alagadiças, e que hoje, postoque comprehendidas no recinto de S. Petersbourg, estão occupadas por jardins, parques, e magnificas casas de campo, sendo mui frequentadas no verão como es-

peciê de passeio e recreação dos habitantes. Entre as maiores conta-se a ilha Vassili; n'ella está a academia dãs bellas-artes, grande edificio de setenta pés de elevação e quatrocentos de comprimento cuja fachada que olha para o Neva é guarnecida de columnas e pilastras; sobre a cupola central figura uma colossal Minerva, e o portico é apoiado por um Hercules farnesio e uma Flora. O párapeito em frente da academia é adornado com duas soberbas esphinges de granito trazidas do Egypto: Este instituto é tão vasto que não só ali residem os alumnos como tambem os professores, academicos, e muitos artistas; diz-se que ao todo não são menos de mil pessoas. Quanto ás obras d'arte não contém grande thesouro.

M.



NOVA CAPELLA DE S. MIGUEL.

Coventry, cidade de Inglaterra, que dista de Londres para o noroeste trinta e duas leguas, é de fundação muito antiga, como ainda mostram em geral os seus edificios, entre os quaes se notam alguns templos dignos de exame do curioso. No meio do mercado grande ha uma cruz da altura de sessenta e sete pés, toda ornamentada com figuras de muitos reis d'Inglaterra; fabrica relógios, tecidos de lã e seda, e outros objectos. No meado do seculo xv celebrou-se ali um parlamento, que foi alcunhado diabolico, contra os cabeças da facção de York. N'esta cidade esteve por algum tempo prisioneira a infeliz Maria Stuart.

Ahi se começou ultimamente uma capella da

invocação de S. Miguel, cuja pedra fundamental foi collocada com pompa publica em o dia 9 de Outubro do anno passado; é delineada para accommodar seiscentas e setenta pessoas nos dias de exercicio do culto; o estylo de architectura é o denominado «gothico ornamentado.»

M.

DILUVIO DE LUZ.

Conclusão.

VIII

Em todos os tempos sempre houve quem, desprezando-se dos laços do egoismo commum, se

votasse por impulso d'um affecto generoso á causa da humanidade. Se assim não entravam pelo heroismo, faziam alguma coisa mais que o solipso vulgar, que nas idéas, nos raciocinios, nos juizos, nas crenças, no trabalho emfim, não quer nem acceta por guia outra luz, que não seja a que leva de preceito á conveniencia privada.

Bem amargo tem sido o destino d'essas almas preeleitadas! Os que não as entenderam, e para quem por isso mesmo eram indifferentes, deixaram-nas passar sem apoio nem conforto. Os corrompidos, porque mirando-se n'ellas não tivessem de que envergonhar-se, e corar de pejo, não as quizeram ao pé de si, e expelliram-nas como energumenos. Banidas, errantes, perseguidas pelos poderosos, ainda assim nada pôde ofuscar a sua aureola, porque pediam ser livres; que não as curvassem com o peso e ignominia dos grilhões; que não as impacientassem pelos soffrimentos do corpo, impedindo-as de remontar ás alturas de que emanavam, e empenhar-se na paz do mundo, introdução obrigada de toda a felicidade. Dos poucos que as ouviram todos, pela insciencia ou pela má vontade, as escarneceram.

Os verdadeiros apóstolos teem quasi sempre acabado como ave innocente presa do abutre. Dilaceraram-lhes as entranhas, e as aves carnívoras as partilharam entre si. Foi d'ahi que muitas vezes nasceram appellos extremos, preferindo-se ao soffrimento da perseguição o borbório do povo amotinado, o fogo e o combate na trincheira, o calor dos paços incendiados. Se não queriam ver estas contradicções entre a paz que professavam, e a guerra a que recorriam, porque levantavam sobre elles mão injusta? Porque esbofeteal-os, e cuspiam-os? Quem sancionaria dois direitos, um que dava a predilectos acção honesta para abaterem, para comprimirem até á aniquilação tudo e todos, levando a tyrannia além da barbaria; outro que não consentia, que debaixo do jugo se gemesse ao menos; porque até gemer era subversão? Se a humanidade era uma na origem e vocação, como não seria um só o direito de toda ella? E comtudo tão mudado era, e é, o direito, que custa a reconhecê-lo, de transviado que está da origem. Seculos e homens o teem perdido. Uns e outros teem ido juntando á obra do passado mais um vicio, mais um abuso.

Apóstolos sempre foram martyres da fé social. Sacrificam-se para conduzir ao leito natural a corrente distrahida por mãos sacrilegas. Querem restaurar a sociedade, e vestir-lhe as vestes candidas das filhas de Sião. Caminham debaixo do ferro e do fogo do inimigo, que quer escravizar os que houveram herança de liberdade e egualdade. Augusta e de benção é a missão! Mas até aqui o seu fructo não pôde sasonar limpo e escorreito, que máservas o teem insombrado. Aterrado o tempo da colheita, tão fallida e pouco rendosa veiu ella, que pareceu outoniça. Essas máservas, que teem infezado um pouco a planta social, são os rigores e o ferro, em lugar da

illustração que convence e cathequiza; as exagerações, porventura de boa fé, que a inexperiencia fez commetter nas revoluções que se propunham acender nova luz para a humanidade. Semearam espinhos nos campos onde não queriam que vecejassem senão rosas.

IX

É agora que surge no ennuveado horisonte social nova estrella de bonança. Acende-se pharol mais seguro, que levará á terra de promessa. Este culto, que todos prestam á paz; esta disposição dos espiritos, que pedem illustração, e se abrem a ella, são syrtes em que a tyrannia, que desde muito ouve o som confuso do seu remorso, hade perder-se.

Armas, ribeiros de sangue, revoluções tumultuarias não sabem erguer monumento que perdure. A revolução para attingir ao seu verdadeiro fim, para consolidar-se, e resolver-se em beneficios sociaes, hade fazer-se nos espiritos. Guerras não saram feridas sociaes; irritam-nas, fazem que as ulceras se convertam em gangrena incuravel. O povo que um dia se levantou pela liberdade, curvou depois a cerviz á tyrannia. Contra a espada, que um dia se ergueu victoriosa, veiu depois o proprio vencido, e com maior impeto lhe fez abater para a terra o orgulho, e os laureis dos passados triumphos.

Cada campo de batalha, em que ficaram insepultos tantos martyres, foi uma decepção para a causa esperançosa. O coração dilacerava-se á vista do espectáculo aterrorador de tantos males. O meio foi julgado emfim perigoso e inefficaz. Não minguraram forças nem valor, mas tantos rios de lagrimas derramadas pela viuvez e pela orphandade, chamaram a razão a novo concerto. Proclamando sem preliminar a liberdade e a organização equitativa da sociedade, padece-se, como por tal arrojio já Christo padeceu, mas o principio caminha vivo e latente, caminha qual raio que se despede das nuvens, corta impetuoso, fere, e derruba quanto o estorva na carreira. A verdade, uma e indivisivel, sobrevive sempre, porque não morrerá jamais. Quando parece perdida apenas se esconde. Aguarda melhor conjuntura de apparecer, e ir, coroada com as benções de todos, sentar-se no throno do mundo. A estrella solitaria, que ao alvorecer ainda fulgia nos ceos, não desapareceu senão apoz porfiada resistencia. Sumiu-se, mas não se apagou. Na seguinte noite surgirá de novo, com a mesma vida, com a mesma animação, com o mesmo scintillar. É assim a verdade, que nenhuma outra coisa é senão a liberdade, a um tempo principio e fim, causa e effeito do progresso.

A verdade é hoje mais do que nunca indispensavel conhecê-la e ensinal-a, porque é a unica arvore amiga a cuja sombra dilecta podemos repousar, depois de tão ardentes peregrinações, depois de soes tão calmosos. Desceu do ceo á terra como refugio da vida. É a estrella brilhau-

te que luz sobre as tempestades da existencia, e como aos Magos nos hade conduzir por caminhos ignotos ao oriente da paz e da felicidade. Agora é mostrar a todos o brilho da verdade, fallar á razão e á consciencia, não deixar que vacillem, destruir a duvida, depor o erro, levantar a alma mais nobre e reforçada sobre a ruina dos preconceitos, plantar a sciencia onde apenas havia a fé, se a havia, e não convém que a haja. A illustração hade gerar felicidade, e a felicidade virtude doce e amena, que a virtude verdadeira não é de turvo semblante e fallazes asperezas, mas alegre, bondosa, concertada de delicias. O tempo em que a julgavam montanha fragosa e alcantilada, para guindar á qual se tressuava e desfallecia e não se alcançava na cumiada por ultimo lenitivo ao cansaço senão solidão de rochas descompostas, onde nem vivia musgo desbotado, passou já!

É tempo de abrir o livro do passado, que não illude, que não mente, que dá a todos um fatal desengano, que diz o que foi, e ensina para que é a existencia.

Não se percam as lições da experiencia. Procure-se o código original das liberdades humanas, que tanto ha correm á revelia e mal comprehendidas no juizo do mundo. Se muito ha que a humanidade padece, não é isso motivo para desesperar. Na sua vida os seculos são dias. Quasi que recém-nascida na redempção, agora começa a crescer. Se ainda mal so comprehende, para lá caminha, e hade chegar ao conhecimento de si e da verdade, cuja luz já parece querer raiar para todo o mundo. Inda que sem estrondo já as boas doutrinas penetram em todos os corações generosos.

O passado, que se julgou glorioso, olhemos com pejo para elle, que para desculpar-se não tinha senão a sinceridade dos fins, o desejo cordial de salvar os que gemiam. Mas os meios, esses deshonraram o erro. Em logar de derramar tanto sangue, consumir sem fructo tanto ouro, tantas forças, tanta boa vontade, devia levar a todos a illustração, o conhecimento do encargo e do direito, o horror á lei que opprime, o respeito á que é justa e equal.

X

A liberdade, a ventura pela moralidade universal é tambem uma religião. O seu apostolado começa. Missionarios da doutrina pacifica devem apparellhar-se com resignação e bons exemplos; só assim alcançarão victorias, que nem traição nem tyrannia possam minar, destruindo, como até aqui, n'uma só hora a obra de tanto tempo e de tantos perigos; derribando homens e principios só com um sopro d'adversidade, como o vento do deserto abala a grande arvore da floresta, que apoz vacillar um momento, estala, e jaz por terra.

Missionarios! Apparellhae-vos para combate, não de força, mas de razão! Acendei pelo mun-

do luz que o illumine sem deslumbra-lo nem perdel-o n'õ escolho das visões e delirio phrenetico; e a sociedade será salva sem passar por nenhum cataclismo luctuoso. Advogae de novo modo a causa da humanidade: A liberdade não medra senão na paz. Acautelae-vos comtudo dos que vos crerem sem vos ouvirem nem conhecerem, que esses taes com o seu plano d'enganos são como o sepulchro, exteriormente branqueado, liso, e espelhante, que dentro de si guarda ossos e asquerosidade. O lobo tambem se reveste da mansidão do cordeiro para entrar unsuspeito no redil.

Homens constituídos em poder! Deixae que a liberdade e a paz façam seus caminhos. Com a reaccão injusta darieis mais forças ao gigante que apenas se espreguiça depois d'acordar da primeira somnolencia. Fanatismo e hypocrisia, que sois os peiores dos crimes moraes, não continueis a obrar com negra e damnada vontade. Não vos levanteis contra a sociedade, e a favor do individuo. Não continueis a jungil-a ao vosso carro de tortura. Querendo afrouxar-lhe o braço, ensinaes a levantá-lo. Querendo materialisar-lhe o espirito, fazeis com que võe mais alto e de lá aviste, olhando para a terra, a aviltção em que jazera, e por isso vos amaldiçoe e cuspa na face impudica. Convençei-vos, que a humanidade caminha sempre na senda do progresso, e que n'esta tendencia natural é constante como a grande corrente do oceano. O progresso, que é coisa de Deus, não será o vosso poder que o estorve.

O mundo tem olhos fixos sobre os vicios que corroem a constituição das sociedades. A accusação é antiga. A contestação só tem apparecido na obstinação d'algumas más vontades. O mundo nem hade succumbir a ellas, nem enganar-se na sua esperança de reforma. Os bons principios convertidos em Dilúvio de Luz porão termo ás guerras fratricidas; confundirão oppressores; salvarão fracos e opprimidos; retemperando a sociedade, fazendo-a mais digna de si e do porvir.

JOSÉ DE TORRES.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

III

CASA DE S. ROQUE.

Desejavam os padres da Companhia, que já tinham em Portugal famosos collegios, dotados com excellentes rendas, estabelecer tambem aqui em Lisboa uma casa professa, onde sem renda,

(*) Do num. 32 do vol. antecedente.

como se lê na Chronica, por serem mendicantes, observassem a mais exacta pobreza, sem outro subsidio que o da esmola dos fieis.

Enviou para este fim a Portugal o fundador da religião, Santo Ignacio de Loyolla, ao hespanhol o padre Jeronymo Nadal, para solicitar de el-rei D. João III a devida licença. El-rei lhe ordenou que escolhesse na cidade sitio accommodado para o intento; e logo os padres assentaram, que n'um campo que ficava então fora da cidade, porém mui proximo a ella, e que servia de cemiterio, onde estava uma ermida de S. Roque, e se chamava *Campo das Oliveiras*, se levantasse a sua casa professa.

Assim o communicaram a el-rei; porém os irmãos de S. Roque, que ali tinham a sua ermida, como dissemos, mostraram repugnancia á vontade dos padres, e foi encarregado D. Pedro Mascarenhas, esse fidalgo de quem já fallámos na primeira parte d'esta chronica, de compor a questão, e conseguiu que a sobredita irmandade cedesse, propondo as condições para a doação.

A nova casa conservou o titulo de S. Roque, e erigiu-se no seu templo uma capella ao mesmo santo, onde os irmãos continuaram suas devoções como na ermida.

D'aqui veiu serem geralmente designados em Lisboa, pelo titulo de padres de S. Roque.

Aquella ermida havia sido erecta no reinado de el-rei D. Manuel, em occasião de uma grande peste que affligiu o reino. Divulgara-se então em Portugal que a intercessão d'este santo era efficacissima contra as contagiões, como se estava comprovando em Veneza, e o piedoso monarcha mandou pedir á referida republica que lhe enviasse algumas reliquias suas. Satisfez Veneza ao pedido, e para as guardar se levantou a ermida em 24 de Março de 1506, e em 1513, aos 25 de Fevereiro, foi consagrada *authoritate apostolica*, com indulgencias, pelo bispo D. Duarte. No anno de 1527 se sagrou tambem o adro pelo bispo D. Antonio.

No domingo que caiu no 1.º de Outubro de 1553 tomaram os padres posse da ermida com uma solemnidade espiritual, á qual assistiram o principe D. João, o infante D. Luiz, o arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes, e mais nobreza da côrte.

Começaram logo os da Companhia a exercitar seus ministerios, e diz o manuscrito que seguimos:—«concorrendo ás missas, ás confissões, e communhões tanta gente, e com tanta frequencia e devoção, que n'ella os dias de semana e de trabalho pareciam de festa e de guarda. As pregações, que eram mui frequentes de manhã, e algumas vezes de tarde, eram taes os concursos, que não sendo capaz d'elles a estreiteza e limitação da ermida, saia algumas vezes fora d'ella um padre a prégar á muita gente, que não tendo logar dentro da ermida, ficava fora d'ella.»

As unicas casas que existiam junto á ermida

eram umas terreas onde se recolhiam o capellão e o ermitão, e mais outra para as pessoas devotas que vinham fazer romaria ao santo.

Foi n'estas casas, e no côro, e na sacristia da ermida que se accommodaram quatorze padres que vieram do Collegio de Santo Antão, trazendo d'ahi tudo o necessario, e que faltava na acanhada ermida.

El-rei lhes mandou comprar sitio sufficiente para igreja, casa e cerca.

Ao cabo de um anno, os padres com as esmolas que tinham recolhido fizeram um corredor estreito com oito cubiculos, na parte superior, e na inferior mais algumas casas, e trataram logo de estender a ermida.

Corria ella de oriente a poente, e os padres resolveram que ficasse servindo de cruzeiro e capella-mor, accrescentando-se de norte a sul em comprimento oitenta palmos, que então corriam do logar onde está o pulpito até á porta principal, como hoje ainda se acha.

Deu-se principio á obra no anno de 1555; sem outro cabedal, diz a Chronica, mais do que cincoenta cruzados, e esses mesmos foram emprestados. •

A primeira pedra do novo Collegio de Santo Antão fôra lançada em muito segredo, por causa da opposição que ali faziam os empregados do curral, e o padre capellão das freiras de Sant'Anna: a d'esta fundação foi, pelo contrario, com muita solemnidade. Lançou-a o padre da mesma Companhia D. João Nunes Barreto, e que havia pouco fôra sagrado patriarcha d'Ethiopia.

Assim foi progredindo a obra, concorrendo as esmolas, com que os padres se desempenharam dos cincoenta cruzados pedidos, a ponto que no anno de 1566 trataram de fazer nova igreja com sufficiente capacidade, e lhe abriram os alicerces com intentos de ser de tres naves; porém no anno seguinte resolveu-se que fosse unicamente de uma, e desfeitos portanto os primeiros alicerces se lançaram os fundamentos como hoje existem.

Aqui tem logar transcrevermos as palavras textuaes do manuscrito:

«E posto que por razão da peste, que houve na cidade, foi a obra mais de vagar, por serem menos as esmolas; mas acabada a peste, se continuou com grande fervor, pera que eom ella se proseguisse, foram tantas as esmolas que acodiram á casa, que fazendo-se computo no anno de 1577 á despeza que se tinha feito, assim na fabrica da igreja como no edificio da casa, se achou que se tinham gastado setenta e cinco mil cruzados, procedidos das esmolas, com que concorreram ElRei D. Sebastião, sua avó a Rainha D. Catharina, o infante Cardeal, e depois Rei D. Henrique, e alguns particulares.»

Correram as obras com vagar por causa das alterações que houve no reino com a morte do cardeal e invasão de Castella; serenadas porém aquellas turbulencias, com o acto confirmado da usurpação de Hespanha, se tratou de assentar

o tecto da igreja; mas duvidando-se que as paredes tivessem força sufficiente para sustentar o repuxo da abobada, e seu peso, resolveu-se que fosse de madeira, para cuja obra D. Philippe lhe cedeu o seu architecto.

Aqui transcreveremos da *Chronica do Padre Telles* quanto diz respeito á construcção do tecto:

«Logo se tratou do tecto, havendo primeiro grandes consultas de insignes architectos, sobre a traça que teria, e finalmente se vieram a resolver a o fazer de madeira, por lhes parecer que o sitio era alto, algum tanto pendurado, e que não teriam as paredes bastantes hombros, pera sustentar o pezo, e o repuxo, que tão grande abobada demandava. Resoluto este ponto, assentaram tambem, que o lanço fosse de esteira, o que ainda que tinha grandes commodos, tinha tambem grandes difficuldades por davante, pela notavel largura, que vae entre as paredes colateraes. Para se vencerem estas difficuldades, veio um famoso architecto mandado por elrei catholico Dom Philippe o Prudente, o qual traçou a obra com um novo invento nunca visto em Portugal, dispondo o tecto com tal traça (que sem ter columnas pelo meio da Igreja, que é tão larga, nas quaes se possa estribar) está segurissimo, e parece que se sustenta no ar. Por ser a obra do madeiramento, que vae por cima do forro, mui notavel, e não se ver de baixo da Igreja me pareceu descrevel-a aqui, para que quem tiver curiosidade de a ver, ao menos a possa aqui ler.

«Fez vir da Prussia os mastos, ou traves que lhe pareceram bastantes, d'estas lançou doze, cada uma de noventa e sete palmos de comprimento, e de notavel grossura (porque as não pode um homem abranger com os braços) lançou-as, digo, de cornija em cornija, atravessando a largura da Igreja, de maneira que se vão assentar, e pegar nos frexaes, que estão encaixados sobre as cornijas; e logo ao sopé d'estas grossas linhas, ou traves fez estribar, e levantar, em modo de esquadria, outras doze de cada parte, mais pequenas, porém da mesma grossura, a que podemos chamar *quieyros*, que escoram na mesma cornija e parede, e vão subindo como em esquadria, até fechar em uma valente trave da fileira (que responde ao espigão do telhado, em que acaba o cume do tecto) estes vinte e quatro *quieyros* se asseguram pelo meio com doze *oliveys*; descem logo outras doze traves de cada parte do fim dos *oliveys*, da mesma grossura das doze linhas, e dos vinte e quatro *quieyros*, a que chamam *pendoraes*, cada um de vinte e quatro palmos de comprimento, os quaes vão a prumo, e são como esteios e columnas para sustentar o madeiramento do forro; mas com esta differença, que as outras columnas ordinarias tem mão no pezo, sobre os capiteis; porém estas, com notavel novidade, sustentam ou levantam o pezo pela parte que houvera de ser base d'estas columnas, e sem carregar nas traves, que atravessam

a Igreja, as estão sustentando no ar, e puxando para cima; porque como estas traves são tão compridas, necessitavam de algum arrimo, que as sustentasse, e supposto que não tem columnas, que subam do pavimento da Igreja para o tecto, tem estas, que por cima do tecto o estão sustentando, e chamando para o alto, as quaes para este effeito, descem com tal traça, que para não abaterem as ditas traves do forro com o proprio pezo, ficam como pendentes no ar, sem lhe tocar, por si mesmas, e comtudo para as assegurar, e sustentar, lança-lhe cada uma das columnas duas cintas de ferro fortes, e grossas, que abraçam os terços das mesmas traves: e d'esta maneira fica a obra segurissima, porque estas columnas não carregam no forro, antes puxando para o alto, sustentam as traves em que vae pegando o mesmo forro, para que não faça algum pendor.

«Entre estas vinte e quatro columnas, ou pendoraes, corre um grande lanço de corredor, que representa uma larga e comprida coxia, por onde seguramente se passeia o tecto todo de Norte a Sul; o qual tecto por esta parte de dentro, representa outra grande Igreja de tres naves, feita toda de madeira, e fundada sobre o templo de S. Roque que em baixo vemos. Como esta obra foi nova, e sua architectura nunca usada n'este reino, e como por outra parte era esta machina tão grandiosa, e tão segura, foi notavel o concurso dos curiosos que acudiam a ver a nova fabrica do tecto. . .»

Sob o adro da igreja de S. Roque se lavrou pelos annos de 1700 um grande jazigo, que era da irmandade de Nossa Senhora dos Agonizantes, para sepultura dos seus irmãos.

Ainda ha poucos annos, quando se mexeu n'este adro por causa do rebaixamento da calçada, d'ahi se removeram os ossos das pessoas soterradas.

Subia-se para o referido adro sómente por tres degraus de pedra. Hoje ha quatro degraus.

Sobre as paredes da igreja, corria á roda d'ella pela parte de fora uma cornija com seus dentilhões de pedra, com um passadiço no qual se abriu um canno tambem de pedra para receber as aguas do telhado.

Havia tambem á roda do dito canno uma varanda com pilares de pedra, que serviam não só para segurança dos que andavam por ella, como para ornato exterior da obra, sendo assim mais facil subir ao telhado, que primeiro foi de laminas de chumbo, por parecer que com ellas ficaria o tecto mais bem resguardado, mas que a experiencia mostrou ser pelo contrario, como tem acontecido com o telhado do theatro de D. Maria II, onde se consome não pequeno cabedal com o vedar-lhe a agua, o que nunca se consegue. Por isso se deixaram os padres das taes laminas de chumbo, e se voltaram para o antigo systema de telhas.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.